

Viagens, narrações e identidades em *Terra Sonâmbula*, de Mia Couto

MARIA DO CARMO MARTINS PIRES

Université Sorbonne Nouvelle Paris 3
Universidade de Lisboa



Referir-se à identidade, que Claude Lévi-Strauss define como *une sorte de foyer virtuel auquel il nous est indispensable de nous référer pour expliquer un certain nombre de choses, mais sans qu'il ait jamais d'existence réelle*,¹ implica forçosamente questionar as duas posições, uma essencialista e outra nominalista, a partir das quais esta noção tem sido pensada. Pois, a uma identidade definida como a permanência do Ser no tempo, e que também poderíamos chamar mesmice, se opõe uma identificação contingente atida a um contexto e um ponto de vista.

No mundo ocidental do século XIX, duas realidades virão ilustrar, estas duas acepções da identidade, aparentemente contraditórias mas no entanto inextricáveis. A primeira seria o êxito da História, nova disciplina de referência dos meios intelectuais, com cuja prática a modernidade ocidental consagrava a sua fé no progresso. A investigação sobre a história pôde até aparecer como uma nova orientação dada à busca da Verdade,² a apropriação do tempo estabelecendo novas fundações em que ancorar a identidade e a acção. A segunda prender-se-ia com o êxito dos movimentos nacionalistas que pretendiam estabelecer o carácter genuíno e eterno das nações. Salientemos a esse respeito a nova acepção do termo “raça”, que aparece nessa altura e se difunde muito rapidamente, e que Maurice Olender define assim:

Ce qui semble déterminer les formes de penser édictant “la race”, ce sont [...] l'affirmation de traits marqués par: de l'irréductible (ce qui ne peut être ramené à autre chose qu'à soi); de l'indélébile (ce qui ne s'efface pas et demeure perpétuel), de l'inamovible (ce qui conserve sa fonction, indéboulovable); de l'invariable (quand l'identité prescrit une hérédité immuable, un type fixé une fois pour toutes); du substantiel (comme ce qui appartient à l'essence); de l'essentiel (comme ce qui appartient par essence, non par accident, primordial, originaire, déterminé à demeurer tel quel).³

Durante a expansão colonial que ocorreu nesse mesmo século XIX, o continente africano foi descrito e

portanto identificado por ocidentais que, ao estabelecerem a sua superioridade e justificarem a sua acção, clausuravam a identidade das populações africanas. Um desses seus enunciadores europeus, foi Hegel, que nunca visitara o continente,⁴ mas conclui deste modo o capítulo que dedica à África:

Elle n'a donc pas, à proprement parler, une histoire. Là-dessus, nous laissons l'Afrique pour n'en plus faire mention par la suite. Car elle ne fait pas partie du monde historique, elle ne montre ni mouvement, ni développement [...] ce que nous comprenons en somme sous le nom d'Afrique, c'est un monde anhistorique non-développé, entièrement prisonnier de l'esprit naturel et dont la place se trouve encore au seuil de l'histoire universelle.⁵

Ao atribuir este carácter a-histórico à África, Hegel, que influenciou certamente muitos outros autores que reproduziram o seu julgamento durante os séculos XIX

¹ Claude Lévi-Strauss, *L'Identité*, Paris: PUF, 1977, p. 332. “uma espécie de abrigo virtual ao qual é indispensável referir-se para explicar um determinado número de coisas, sem que este abrigo jamais tenha uma existência real”.

² Marx decreta por exemplo que “conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história”. *A Ideologia Alemã*, São Paulo: HUCITEC, 1987, p.23.

³ Maurice Olender, *Race sans histoire*, Paris: Galaade Editions, 2009, p. 25-26. “O que parece determinar as formas de pensamento que estabelecem “a raça”, são, [...], a afirmação de características determinadas por: irredutibilidade (que não pode ser reduzida a outra coisa que não seja si própria); indelebilidade (que não se rasura e resta perpétua); inamovibilidade (que conserva a sua função, irremovível); invariabilidade (quando a identidade prescreve uma herança imutável, um tipo fixado de vez); substanciabilidade (que pertence à essência); essencialidade (que pertence por essência, não por acidente, primordial, originário, determinado para permanecer tal qual)”.

⁴ Hegel ter-se-ia inspirado das descrições do geógrafo alemão Karl Ritter (1779-1859).

⁵ G.W.F. Hegel, *La Raison dans l'Histoire*, Paris: Éditions 10/18, Département d'Univers Poche. Trad. K. Papaioannou, 1965, p.269. “Portanto, ela não tem história, propriamente falando. Aqui deixemos a África para não mais referi-la. Porque não faz parte do mundo histórico, não tem nem movimento, nem desenvolvimento para mostrar [...] o que, em suma, entendemos por África, é um mundo a-histórico não desenvolvido, inteiramente prisioneiro do espírito natural que se localiza ainda no limiar da história universal”.

e XX,⁶ negava a este continente qualquer possibilidade de mudança e de portanto de progresso.

Frente a esta representação do continente africano, que domina em muitos dos discursos dos exploradores e dos colonizadores europeus, enunciar a sua própria experiência do tempo e do espaço, tornou-se para as jovens literaturas africanas um dos seus mais impreteríveis desafios, um desafio cuja urgência Claude Lévi-Strauss também apontava em 1952 no seu célebre texto “*Race et histoire*”.⁷

A viagem, com a sua dimensão iniciática foi, neste contexto, uma das temáticas predilectas dos autores africanos que elaboraram uma nova representação de carácter instituinte do seu continente; uma representação que, nos primeiros tempos, se construía sobretudo por oposição à visão etnológica e essencialista dos intérpretes ocidentais.

O tema da viagem não era novidade, já constituía frequentemente o motor das narrativas dos exploradores. Mas os textos dos escritores africanos apresentam diferenças essenciais quanto às motivações das suas personagens viajantes. A viagem das primeiras tinha um carácter devorativo: avançar era engolir um espaço que, pelo menos do ponto de vista do explorador, deixava de ter interesse depois de ter sido inventariado. Por sua parte, Mia Couto apresenta em *Terra Sonâmbula* personagens que viajam ou para escaparem à guerra ou para procurarem alimentos – é o caso de Tuahir e de Miudinga⁸ –, ou para entrarem em contacto com outros – sejam eles personagens que desapareceram com a guerra ou naparamas que lutam pela paz. Em *Terra sonâmbula*, viajar não é um modo de confirmar uma superioridade sobre o resto do mundo mas uma necessidade para tentar sobreviver ao caos da guerra civil. Notamos contudo que, além de atender a tais imperativos vitais, essas personagens viajantes, que recusam adoptar uma posição diferencialista, permitem finalmente a seu país constituir-se como nação porque, como declarou Mia Couto, Moçambique é um país *muito comprido e a estrada é o único factor que liga, que faz com que o país circule dentro de si próprio. Moçambique tem de viajar dentro de si próprio para ser um país.*⁹

Além de se distinguirem pelas suas motivações, os viajantes do romance também se opõem aos exploradores europeus pela geometria dos seus itinerários, que remete mais para o círculo – por exemplo os que realizam Miudinga e Tuahir à volta do machimbombo – do que para a recta, que constituía finalmente o ideal desses viajantes obcecados pela rapidez. Também se diferenciam dos primeiros pela valorização da andança, da peregrinação e não da chegada; como diz o adivinho que consulta Kindzu antes da sua partida *não é o destino que conta mas o caminho.*¹⁰

O machimbombo queimado, vestígio de um meio de transporte moderno, no meio de uma estrada intransitável,

à volta do qual deambulam Miudinga e Tuahir é, a nosso ver, a representação da negação dessas viagens, rápidas e alienígenas, de conquista e devoração de espaço, e ao mesmo tempo a imagem da instauração desse outro modo de se relacionar com o seu próprio meio. A estrada colonial destruída é de facto reinventada pelos viajantes segundo os seus próprios objectivos. As personagens, à imagem de Miudinga e Tuahir, vão delineando trilhos circulares excrescentes que acabam por contar mais do que a recta originária que traçava a estrada.

O espaço aparece, nos primeiros capítulos em que acompanhamos as andanças de Miudinga e Tuahir, mas também nas narrativas integradas de outras personagens, como um arquipélago de ilhéus habitados por seres humanos sedentários em situação de grande isolamento que as andanças errantes das personagens nómadas permitem descobrir e finalmente incluir num território que, apesar da guerra, se vai deste modo pouco a pouco integrando. Esse *nomadismo circular*, integrador e fundador, opõe-se assim ao *nomadismo em flecha* aniquilador dos Conquistadores.¹¹

No final do livro, assistimos ainda a uma inversão entre sujeito e objecto da acção: as personagens viajantes deixam de ser actores do deslocamento espacial para aparecerem apenas como entidades atravessadas pelo espaço que, por sua vez, desempenha o papel de verdadeiro protagonista da viagem que, por exemplo, pensavam ter efectuado Tuahir e Miudinga. *Tudo acontecera na vizinhança do autocarro. Era o país que desfilava por*

⁶ Veja-se como Hannah Arendt evoca o encontro entre ocidentais e africanos: “Sob o sol inclemente, rodeados pela natureza hostil, deparavam-se-lhes seres humanos que, vivendo sem um determinado alvo para o futuro e sem um passado que incorporasse as suas realizações, lhes pareciam tão incompreensíveis como os loucos de um hospício”. Hannah Arendt, *As origens do totalitarismo*. Lisboa: Dom Quixote, 2004. p. 250. Veja-se ainda como o presidente francês, Nicolas Sarkozy, apresentou este continente: “Le drame de l’Afrique, c’est que l’homme africain n’est pas assez entré dans l’Histoire [...] Dans cet imaginaire où tout recommence toujours, il n’y a de place ni pour l’aventure humaine, ni pour l’idée de progrès. [...] Jamais l’homme ne s’élance vers l’avenir. Jamais il ne lui vient à l’idée de sortir de la répétition pour s’inventer un destin”. Discurso proferido a 26 de julho de 2007 na Universidade Cheikh Anta Diop de Dacar – http://www.elysee.fr/elysee/elysee/fr/francais/interventions/2007/juillet/allocation_a_l_universite_de_dakar.79184.html, consultado a 20 de julho de 2009.

⁷ Claude Lévi-Strauss apontou a necessidade de restituir tempo e espaço às populações que os europeus tinham essencializado sob a designação de “povos sem história” no célebre texto “Race et histoire” (1952) in *Anthropologie structurale deux*, Paris: Plon, 1973.

⁸ “Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. (...) Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo.” *Terra sonâmbula*, Lisboa: Editorial Caminho, 1. ed. 1992, edição de referência, 8. ed. 1994, p. 9.

⁹ Entrevista de Mia Couto recolhida por Michel Laban in *La ville dans l’histoire et dans l’imaginaire*, Anne-Marie Quint, Centre de recherche sur les pays lusophones, cahier du CREPAL n.3, Presses Sorbonne Nouvelle, janvier 1996, p. 113-135, p. 117.

¹⁰ *TS*, p. 34.

¹¹ Cf. Edouard Glissant, *Poétique de la Relation*, Paris: Gallimard, 1990. Nomeadamente o capítulo intitulado “l’errance et l’exil”.

*ali, sonhambulante*¹² afirma o narrador, retomando as próprias palavras das personagens. O espaço passa portanto a assumir por si próprio esse papel de integrador de mundos isolados: *A terra anda procurar dentro de cada pessoa, anda juntar os sonhos. Sim, faz conta ela é uma costureira dos sonhos.*¹³ Ao contrário da concepção voluntarista e empreendedora dos exploradores, esta imagem assemelha a viagem a uma verdadeira prospecção íntima do inconsciente. Esse espaço, que se trata mais de sondar do que de explorar, passa assim a ser muito menos superficial do que vertical.

Paralelamente à tomada de posse do espaço, as literaturas africanas também participam muitas vezes de uma verdadeira fundação da historicidade africana que fora até então muitas vezes negada, lembremos por exemplo as palavras de Hegel: *Elle [L'Afrique] n'a donc pas, à proprement parler, une histoire. [...] elle ne fait pas partie du monde historique, elle ne montre ni mouvement, ni développement.*¹⁴

Terra sonâmbula é um romance em que a história e a experiência do tempo ocupam um lugar de destaque. O romance, publicado em 1992, remete para a história muito recente de Moçambique – a acção ocorre durante a guerra civil que seguiu a independência e assolou o país entre 1975 e 1992 –, mas não deixa contudo de aludir a períodos anteriores. A evocação de momentos passados da vida das personagens nomeadamente de Farida que relata a sua vida na casa do colono português Romão Pinto, a reaparição do fantasma desta personagem que poderia ser interpretada como uma imagem das pretensões neocolonialistas portuguesas,¹⁵ comparações estabelecidas pelas personagens que procuram compreender a violência que enfrentam¹⁶ são alguns dos momentos em que ressurgem passados mais remotos.

O romance apresenta também personagens que experimentam de modo agudo e íntimo a dimensão temporal da sua vida. A construção discursiva do texto, que multiplica as temporalidades com cada um dos *episódios-contos* como assim os define Ana Mafalda Leite,¹⁷ é, a nosso ver, uma das opções narrativas que traduzem a importância dessas experiências individuais. É como se cada personagem e, através elas Moçambique, tentassem reatar os fios da sua história, única possibilidade para todos de alcançar a paz. Depois de falar em sonho com Taímo, seu pai, Kindzu compreende:

eu não podia alcançar nada do sonhado enquanto a sombra dele [do seu pai] me pesasse. A mesma coisa se passava com a terra, em divórcio com os antepassados. Eu e a terra sofríamos de igual castigo.¹⁸

O questionamento do passado, que aparece aqui como um preliminar impreterível à paz, não implica no entanto que esse passado constitua uma origem mítica, pura e íntegra a ser reavida. Conforme o tempo dá espessura ao

espaço assim o espaço fecunda o tempo, e toda ideia de raiz ou de origem a serem resgatadas se torna inválida. Miundinga e Tuahir, apesar de apenas descreverem círculos à volta do machimbombo não pisam nunca o mesmo solo e Farida toma consciência que

devia, enfim, retornar ao seu lugar de origem, a ver se o tempo ainda tinha jeito para lhe embalar. Mas ela, no fundo, sabia que não havia de reencontrar o mundo onde nascera.¹⁹

As histórias *coordenadas e encaixadas*, retomando ainda as caracterizações de Ana Mafalda Leite, traduzem certamente a complexidade da relação ao tempo que o próprio Kinkzu, no início da sua narração, exprime da seguinte forma:

Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme as esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem, entre a vontade de serem nada e o gosto de me roubarem do presente. Acendo a estória, me apago a mim. No fim dos escritos, serei de novo uma sombra sem voz.²⁰

Notamos que este discurso autodiegético difere dos discursos que foram elaborados por enunciadores alienígenas. À imobilidade a que estes condenaram o continente responde, nesta obra, não o fluir orientado (da tradição moderna ocidental) mas um borbulhar contínuo e problemático que qualquer tentativa, de canalização ou de orientação, mutila e reduz. As personagens assim como a construção do romance parecem significar que o tempo, tal como o espaço, ganha em ser concebido não de forma linear mas de forma relacional, à imagem da vivência de Taímo que *recebia notícia do futuro por via dos antepassados.*²¹ O tempo da existência torna-se como o escreve Achille Mbembe:

non une série, mais *emboîtement* de présents, de passés et futurs qui tiennent toujours leurs propres profondeurs d'autres présents, passés et futurs, chaque époque portant, altérant et maintenant toutes les précédentes.²²

¹² TS, p. 149.

¹³ TS, p. 197.

¹⁴ Cf. nota 5.

¹⁵ Romão Pinto pretende concluir negócios com o administrador corrupto Estêvão Jonas sem possuir nenhum capital para isso.

¹⁶ “Aquele guerra não se parecia com nenhuma outra que tinham ouvido falar. Aquele desordem não tinha nenhuma comparação, nem com as antigas lutas em que se roubavam escravos para serem vendidos na costa”. TS, p. 33.

¹⁷ Cf. Ana Mafalda Leite. *Configurações textuais da oralidade no formulações pós-coloniais*, Lisboa: Edições Colibri, 2003, p. 50.

¹⁸ TS, p. 48.

¹⁹ TS, p. 86.

²⁰ TS, p. 17.

²¹ TS, p. 18.

²² Achille MBEMBE, *De la postcolonie, Essai sur l'imagination politique dans l'Afrique contemporaine*. Paris: Karthala, 275 p., 1. ed. 2000, edição de referência; 2. ed. 2005, p. 36: “não uma série, mas encaixe de presentes, de passados e de futuros que cuja própria espessura provém de outros presentes, passados e futuros, cada época escorando, alterando e mantendo as épocas anteriores”.

O presente é assim vivido como uma experiência compósita em que se emaranham passados, mais ou menos recriados pela memória e pelo sonho, futuros possíveis ou prováveis, gerados ainda pelo sonho, mas também pelo desejo ou pela angústia; um tempo portanto em que o patente e o ausente se fecundam numa *dinâmica* que não conduz necessariamente ao *caos*, um *caos*, logicamente antinómico do imobilismo, mas que aparecia todavia muito frequentemente nas relações dos observadores europeus.

Outro preconceito, que também estabeleceram Hegel e muitos outros intérpretes europeus da África, e que esta obra contesta, é o isolamento do continente e a mesmice dos seus habitantes; A África teria vivido fechada sobre si mesma, sem nenhuma relação com o resto do mundo *L'Afrique est d'une façon générale le pays replié sur lui-même et qui persiste dans ce caractère principal de concentration sur soi*²³ ou ainda *L'Afrique, aussi loin que remonte l'histoire, est restée fermée, sans lien avec le reste du monde*²⁴ afirma Hegel.

Eis como Kindzu apresenta a população da sua região e o seu relacionamento com Surendra:

nós, os da costa, éramos habitantes não de um continente mas de um oceano. Eu e Surendra partilhávamos a mesma pátria: o Índico.

E era como se naquele imenso mar se desenrolassem os fios da história, novos antigos onde nossos sangues se haviam misturado. Eis a razão por que demorávamos na adoração do mar: estavam ali nossos antepassados, flutuando sem fronteiras.²⁵

Surendra, a personagem com quem Kindzu declara compartilhar uma mesma matriz marítima, é indiano, ora o narrador insiste em estabelecer com ele uma só comunidade, que a repetição do possessivo “*nossos*” institui e reforça. Através da sua narração retrospectiva, Kindzu, em busca de soluções para o caos da guerra civil, oferece finalmente uma imagem do seu país em que a clausura, que Hegel e muitos ocidentais projectavam sobre o continente, é invalidada e substituída ao invés por uma forte porosidade. Se bem que esta vinculação não seja aceite por todos, à imagem da própria família do Kindzu, que temia a contaminação que ele podia sofrer devido ao seu estreito convívio com indivíduos que consideravam estrangeiros à comunidade:

Minha família receava que eu me afastasse de meu mundo original. Tinham seus motivos. Primeiro, era a escola. Ou antes: minha amizade com meu mestre, o pastor Afonso. Com ele aprendia outros saberes, feitiçarias dos brancos, como chamava meu pai. [...] Pior, pior era Surendra Valá. Com o indiano minha vida arriscava se mulatar, em mestiçagem de baixa qualidade. Era verdadeiro, esse risco.²⁶

esta obra manifesta que o contacto com o Outro é uma realidade inegável e remota para as populações do litoral moçambicano. O filho de Farida, fruto da violação que esta sofreu por parte do português Romão Pinto, e que ela diz ser *o nó onde se enlaçavam todas as suas recuadas vivências*,²⁷ também atesta que essa permeabilidade é real, ainda que seja, como neste caso, o resultado de uma violência sofrida, e que, noutros casos, não seja conscientemente procurada por todos como o é por Kindzu ou a própria Farida, e possa, por isso mesmo, ser negada ou recalçada.

A percepção volúvel que as personagens têm do espaço e do tempo e por conseguinte também da sua própria identidade é ao longo do livro reformulada através dos dois grandes prismas que são o sonho e a narração, uma narração que tanto pode ser escrita como oral.

O sonho não é apenas considerado como algo que, ao conferir-lhe de certo modo uma nova dimensão, dá mais espessura à realidade aparente, mas sobretudo algo que realmente fecunda e anima o mundo. Tuahir, cujas palavras aparecem reproduzidas numa das epígrafes do romance, pergunta *O que faz andar a estrada?* para a seguir responder *É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva*; Kindzu, por sua vez, afirma que *O sonho é o olho da vida*.²⁸ O sonho permite de facto reatar as temporalidades, os espaços, as múltiplas identidades do Homem e cito de novo o narrador que, falando de Miudinga, nota *Aquela noite lhe dera a certeza: os sonhos são cartas que enviamos a nossas outras, restantes vidas*.²⁹ A possibilidade de aceder à realidade mágica e fantasmagórica do sonho revela-se uma capacidade supletiva do espírito humano e não uma carência constitutiva dos povos africanos, causa do seu atraso civilizacional e da sua selvajaria.³⁰

Espaço, tempo e identidade são modalidades da experiência humana que aparecem por outro lado trabalhadas pelo discurso de todos os narradores presentes neste texto. Ao enunciarem a realidade africana, os exploradores e colonizadores europeus, reduziam-na ao exacto contrário da sua própria realidade. Ao invés, os enunciadores principais ou secundários de *Terra Sonâmbula* procedem, à imagem de Taimo cujas histórias segundo o seu filho Kindzu *faziam o nosso*

²³ G.W.F. Hegel, op. cit., p. 245: “A África é de um modo geral um país fechado sobre si mesmo e que persiste neste carácter principal de concentração sobre si”.

²⁴ Op. cit., p. 247: “A África, por mais longe que a história recue, ficou fechada, sem relações com o resto do mundo”.

²⁵ *TS*, p. 27.

²⁶ *TS*, p. 28-29.

²⁷ *TS*, p. 87.

²⁸ *TS*, p. 19.

²⁹ *TS*, p. 71.

³⁰ A redução à categoria de mágicos, de seres desprovidos de razão, foi e ainda continua muitas vezes a ser um tópico das representações dos africanos.

lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo,³¹ a uma verdadeira expansão da realidade aparente. Em vez de uma cartografia pormenorizada, demarcada por fronteiras, estas personagens criam um espaço que se desdobra em outras dimensões que não as três que lhe confere a geometria euclidiana, um espaço que encontra uma recepção favorável dentro do próprio universo diegético do livro sendo que os múltiplos enunciadores sempre vão encontrando ouvintes ou leitores atentos para suas histórias. Citaremos apenas como exemplos o interesse que desperta em Miudinga e Tuahir a narração de Kindzu e a disponibilidade que este promete à Farida e que relata desta forma: *Ela só tinha um remédio para se melhorar: era contar a sua história. Eu disse que a escutava, demorasse o tempo que demorasse*.³²

Contar aos outros ou a si próprio a sua estória, do mesmo modo que sonhar e o paralelismo é explícito no discurso do próprio Kindzu que afirma *Escrevo conforme vou sonhando*,³³ tornam-se duas modalidades imprescindíveis para o homem fragmentado que pretende aceder a uma certa forma de reapropriação e compreensão de si e do mundo porque como nota Kindzu *Parece eu e o meu passado dormimos em tempos alternados, um apeado enquanto outro segue viagem*.³⁴ Para personagens que sofreram e continuam a sofrer vários traumatismos – guerras, violações, exclusões... –, que perderam ou recalcam a memória da sua vida, o sonho como a narração desempenham uma função catártica, catarse que, por identificação, envolve até os receptores desses discursos. A evolução da reacção do velho Tuahir perante a leitura dos cadernos de Kindzu, que passa de rejeição – Tuahir fala no início da *porcaria dos cadernos*³⁵ – para prazer e talvez até necessidade fundamental abonadora da sua humanidade – numas linhas já próximas do final da obra ele próprio admite *Ainda bem que você sabe ler, comenta o velho. Não fossem as leituras eles estariam condenados à solidão*.³⁶ – poderia certamente ser analisada como uma imagem do percurso relacional que a África em busca de regeneração poderia enveredar.

Pierre Bourdieu definiu o discurso como *acto de magia social* revelador e construtor da realidade. O discurso em *Terra Sonâmbula* não é, como em muitos casos, o feito de sujeitos observadores ou porta-vozes, que ambos enunciam frequentemente realidades naturalizadas e essencializadas, mas sim o feito dos próprios *sujeitos falados* para utilizar ainda a terminologia deste autor. As personagens do romance são pessoas únicas, embora relacionadas, que procuram na enunciação da sua experiência, tanto material como psíquica, tanto social como interior, tanto passada como presente e até mesmo futura, tanto real como fantasiada, resgatar a sua identidade *rizomática* que segundo a teoria de Edouard Glissant *s'étend dans un rapport à l'Autre*.³⁷

A busca de identidade que é, segundo o próprio autor o tema deste romance,³⁸ passa assim pela interrogação da relação ao Outro, um Outro que é também e sobretudo aquele se encontra em Si próprio. Essa identidade que parece portanto emergir ultrapassa sem dúvida a oposição que tanto caracteriza o discurso dos colonizadores como o dos primeiros enunciadores africanos e faz com que se possa dizer, retomando ainda Edouard Glissant, que Mía Couto leva a cabo um verdadeiro trabalho de descolonização.³⁹

Pendant une période historique de plus de deux siècles, l'identité affirmée des peuples devra se gagner contre le processus d'identification ou de néantisation déclenchés par ces envahisseurs. Si la nation en Occident est d'abord un 'contraire', l'identité pour les peuples colonisés sera en premier lieu un 'opposé à', c'est-à-dire au principe une limitation. Le vrai travail de la décolonisation aura été d'outrepasser cette limite.

Se bem que, à imagem do discurso da própria Virgínia, *Branca de nacionalidade, não de raça* para quem o português é *sua língua materna e o makwa, sua maternal linguagem*,⁴⁰ os discursos multilingues do homem rizomático implicam, por procederem mais da busca do que da definição, não só opacidade como imperfeição, é certamente para esse tipo de identidade emaranhada mas vivífica e finalmente salvadora que Miudinga, confrontado à violência da guerra civil, que justamente opõe campos igualmente convencidos da essência do homem moçambicano, parece apelar:

E ao ouvir os sonhos de Tuahir, com os ruídos da guerra por trás, ele vai pensando: “não inventaram ainda uma pólvora suave, maneirosa, capaz de explodir os homens sem lhes matar. Uma pólvora que, em avessos serviços, gerasse mais vida. E do homem explodido nascessem os infinitos homens que lhes estão por dentro”.⁴¹

A narração quer seja oral ou escrita, produzida ou absorvida, parece constituir essa pólvora suave com que sonha Miudinga. É de facto a narração das viagens, tanto espaciais como temporais, tanto reais como sonhadas,

³¹ TS, p. 17.

³² TS, p. 67.

³³ TS, p. 197.

³⁴ TS, p. 23.

³⁵ TS, p. 37.

³⁶ TS, p. 151.

³⁷ Cf. Edouard Glissant, op. cit., p. 23: “dilata-se numa relação ao Outro”.

³⁸ “*Terra sonâmbula* é um livro de procura de identidade..., mas ali está a ideia de que a identidade não existe, é uma procura infinita.” Cf. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 18 de novembro de 1998.

³⁹ Edouard Glissant, op. cit., p. 29.

⁴⁰ TS, p. 172. Esta declaração vem confirmar as afirmações de Edouard Glissant segundo as quais “*la racine est monolingue*” e “*le dit de la Relation est multilingue*”, op. cit., p. 31. “A raiz é monolingue” e “o dito da Relação é multilingue”.

⁴¹ TS, p. 74.

tanto objectivas como introspectivas, a que se dedicam as personagens que lhes permite integrar a sua complexidade ou, para retomar os próprios termos do narrador, *desembocar em outras visões*⁴² de si e possivelmente escapar à repetição eterna⁴³ a que parecem condená-las os

partidários de uma concepção essencialista da identidade, motivo da prossecução da guerra que lhes nega qualquer perspectiva de futuro.

Recebido: 04 julho de 2009
Aprovado: 23 agosto de 2009

⁴² *TS*, p. 111.

⁴³ Note-se a esse respeito a construção circular do livro que a relação, que se entre Miudinga e Kindzu comprova.